

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO FAZ 70 ANOS: ENTREVISTA LITERÁRIA¹

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO TURNS 70: LITERARY INTERVIEW

Vitor Cei*

Francisco Aurelio Ribeiro nasceu em Ibitirama (ES), em 22 de agosto de 1955, e reside em Vila Velha (ES). Nos anos 1970, concluiu os cursos de Direito e de Letras Português-Inglês pela Faculdade de Cachoeiro de Itapemirim, além de uma especialização em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Entre 1984 e 1990, estudou na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), concluindo o mestrado em Literatura Brasileira e o doutorado em Literatura Comparada.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes) – Bolsa Pesquisador Capixaba (Processo 573/2023).

* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).



Em Ibitirama, a Fazenda da família Ricci, avós de Francisco Aurelio Ribeiro. (Fonte: Acervo do autor).



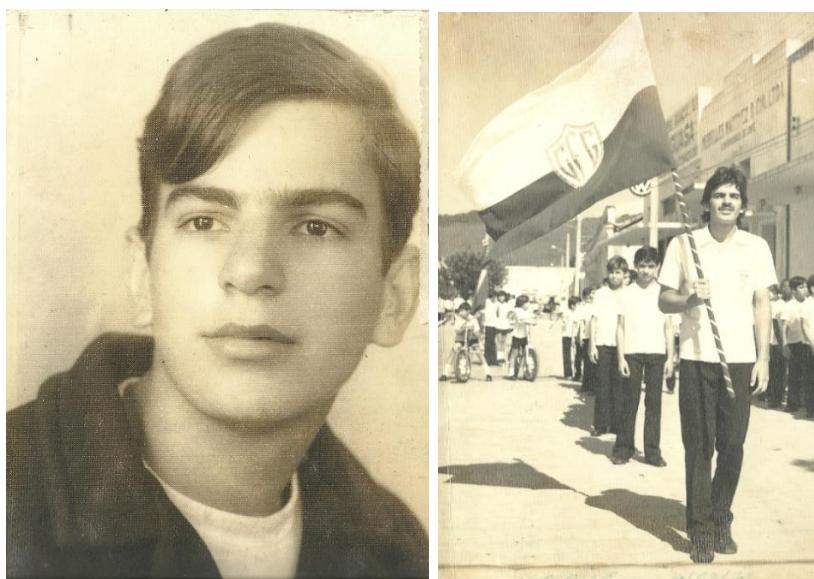
Naria Ricci Machado e Pedro Machado Ribeiro,
pais de Francisco Aurelio Ribeiro (Fonte: Acervo do autor).



Ibitirama, ES, cidade natal de Francisco Aurelio Ribeiro (Fonte: Acervo do autor).



Francisco Aurelio Ribeiro aos 7 (Ibitirama, ES, 1962)
e aos 13, como aluno do Colégio Salesiano em Jaciguá (1968).
(Fonte: Acervo do autor).



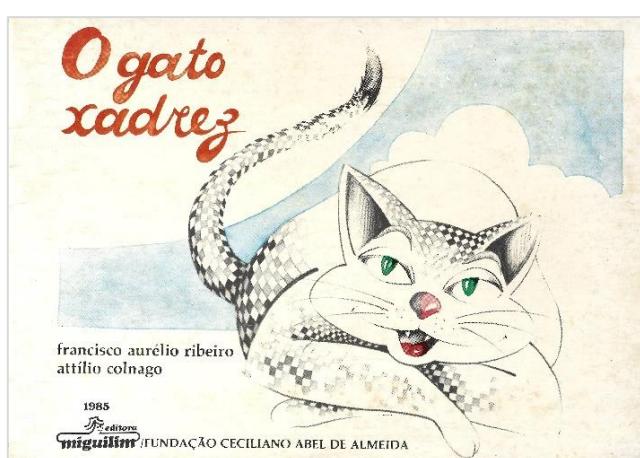
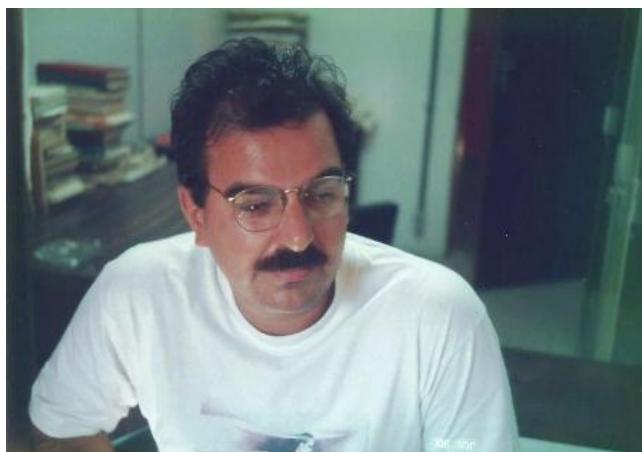
Francisco Aurelio Ribeiro aos 15 (1970) e aos 17 anos (Guaçuí, ES, 1972)
(Fonte: Acervo do autor).



Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, onde Francisco Aurelio Ribeiro desenvolveu seus estudos de pós-graduação (Foto sem crédito).

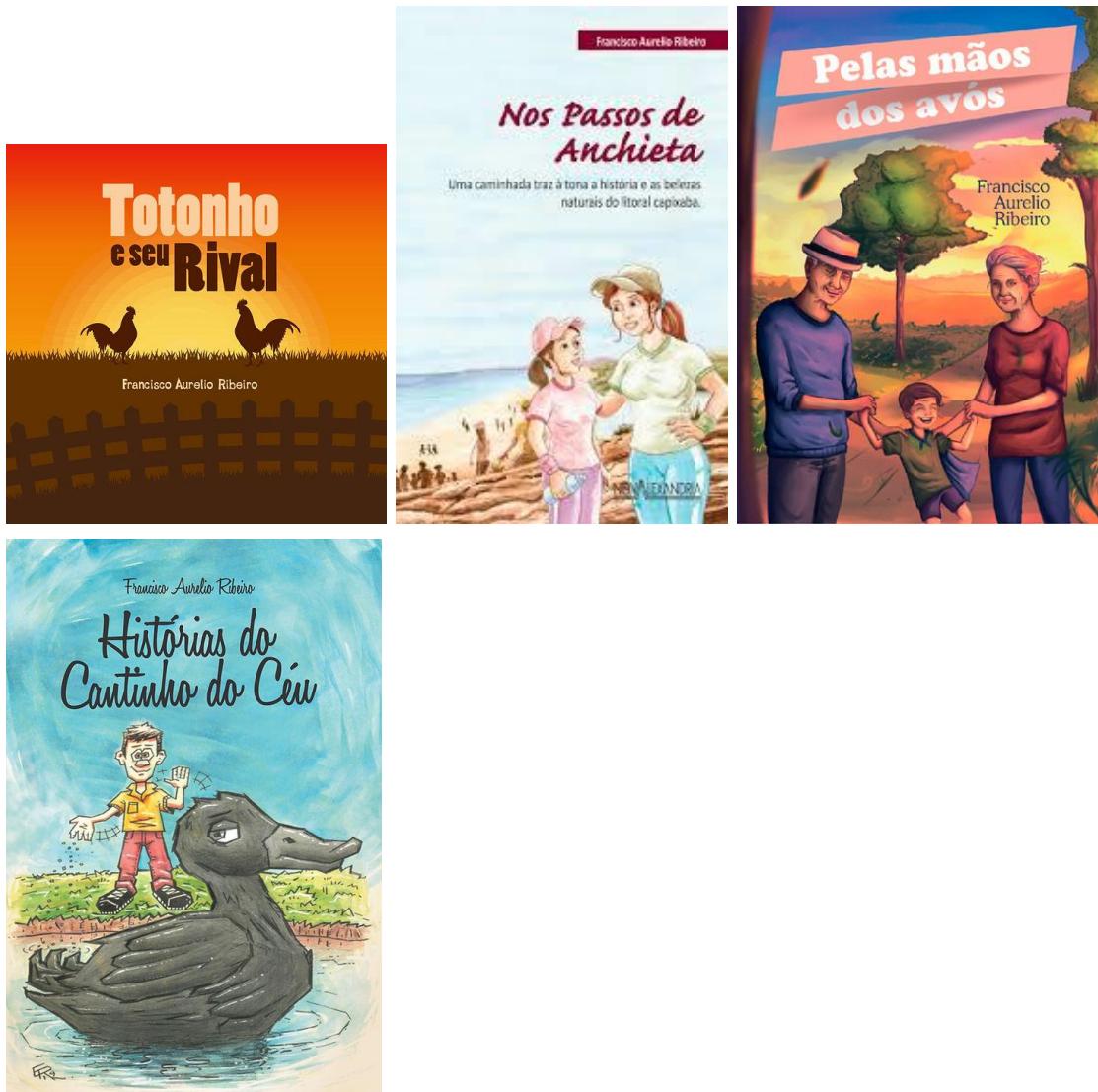
Autor de vasta obra ficcional — sobretudo nos gêneros crônica e infantojuvenil —, Francisco Aurelio Ribeiro formou gerações de leitores no Espírito Santo. Dentre esses leitores, encontro-me pessoalmente, tendo lido *O gato xadrez*

(Miguilim, 1985), ilustrado por Attílio Colnago, ainda na infância. A memória dessa leitura permanece, como muitas outras experiências marcadas pela sua escrita sensível e bem-humorada.



Francisco Aurelio Ribeiro (Foto de Paulo R. Sodré), capa de *O gato xadrez* e o ilustrador Attílio Colnago (Autorretrato).

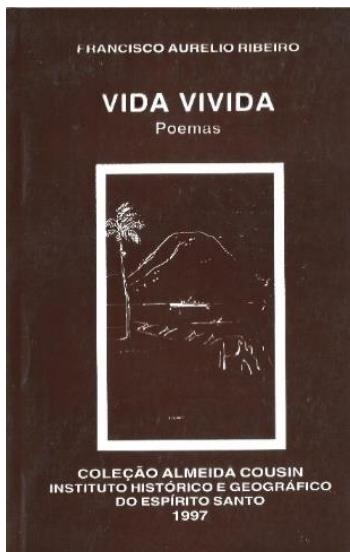
Nos últimos vinte anos, o homenageado deste número da *Fernão* publicou diversas obras comprometidas com a formação leitora de crianças e jovens: *Circe e Ricardo* (Formar, 2005), *Totonho e seu rival* (Formar, 2007), *Nos Passos de Anchieta* (Nova Alexandria, 2009), *O menino e os ciganos* (Formar, 2012), *Clarissa e o beija-flor e outras histórias* (Formar, 2017), *Pelas mãos dos avós* (Formar, 2018), *Histórias capixabas* (Formar, 2019), *Histórias do Cantinho do Céu* (Formar, 2021), *Dona Mariquinha* (Formar, 2023) e *Pretinha* (Zínia, 2024), além da participação na *Cartilha da Paz* (Instituto Ambiental Reluz, 2023).



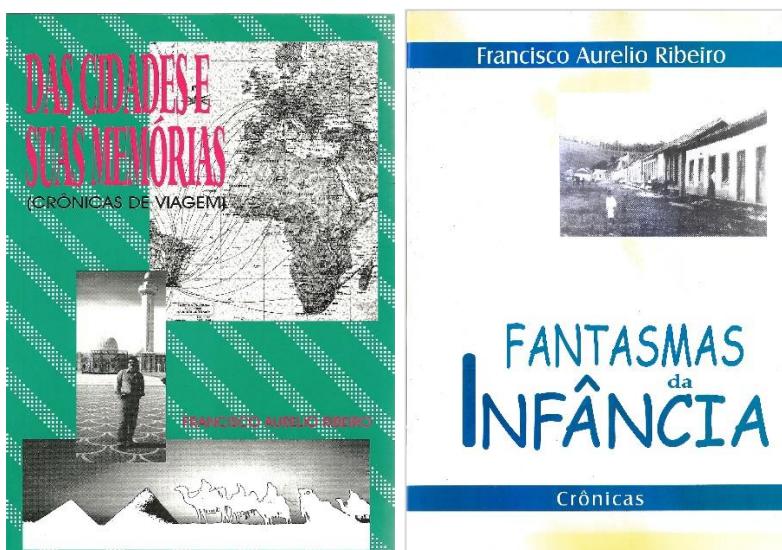
Capas dos livros para crianças e jovens de Francisco Aurelio Ribeiro.

Para o público adulto, publicou poemas em *Vida vivida* (Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo [IHGES], 1997) e coletâneas de crônica, entre as quais se destacam: *Das cidades e suas memórias: crônicas de viagens* (Prefeitura Municipal de Vitória [PMV], Lei Rubem Braga, 1995), *Fantasmas da infância: crônicas* (PMV, 1998), *Estrela prometida: crônicas capixabas* (Formar, 2003), *A vingança de Maria Ortiz e outras crônicas* (Academia Espírito-santense de Letras [AEL]/Formar, 2006), *Olhar para o mundo: crônicas de viagens* (Formar, 2009),

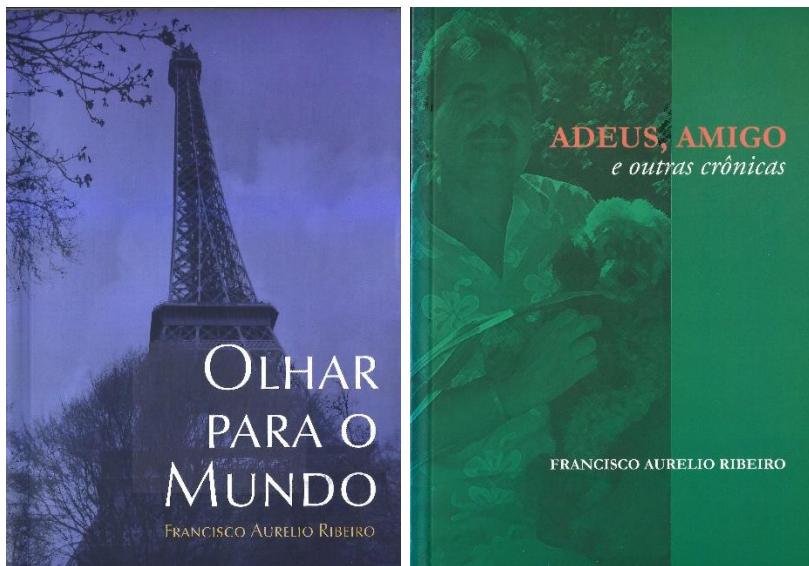
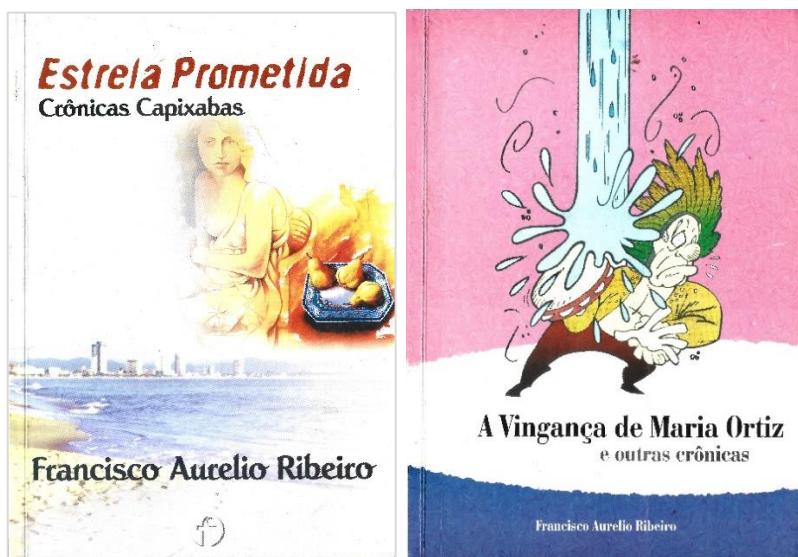
Adeus, amigo e outras crônicas (Formar, 2012), *Olhar estrangeiro ou Praga de cigano: crônicas de viagem* (Cousa, 2023), *Viagens ao Oriente em fotos e versos* (Calêndula, 2024) e *Personagens e fatos históricos capixabas: crônicas* (Calêndula, 2024).



Capa do livro de poemas *Vida vivida*, de Francisco Aurelio Ribeiro.



Capas dos diversos livros de crônicas de Francisco Aurelio Ribeiro.



Em mais de quatro décadas de *literaluta*, Francisco Aurelio Ribeiro consolidou-se como uma das figuras centrais na construção do cânone literário e cultural do Espírito Santo. Sua produção — acadêmica, literária e institucional — articula-se como um campo multifacetado, que abrange todas as pontas do nosso circuito autor-obra-público, propondo interlocuções entre tradição e contemporaneidade.

Sua trajetória como professor compreende mais de trinta anos de atuação em instituições públicas e privadas de ensino fundamental, médio e superior. Destaca-se, nesse percurso, o trabalho desenvolvido na Universidade Federal do

Espírito Santo (Ufes) entre 1982 e 1999. Além de atuar como docente nos cursos de graduação em Letras, criou, na década de 1980, a disciplina de Literatura Infantil e Juvenil e, nos anos 1990, foi um dos fundadores e coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), além de ter apoiado a criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples), idealizado por Reinaldo Santos Neves. Também exerceu o cargo de Secretário de Produção e Difusão Cultural (SPDC) da universidade — função na qual, segundo Orequio (2024, p. 127), “revelou diversos escritores capixabas, através da publicação de livros e lançamentos dos mesmos em cidades do interior, a fim de expandir o conhecimento sobre esses escritores em todo o estado”.



Ufes nos anos 1980 (Foto de Antonio Moreira).



Prédio Bernadette Lyra (ou Prédio de Letras), inaugurado nos anos de 1990, onde se estabeleceram, com o apoio de Francisco Aurelio Ribeiro, o Programa de Pós-graduação em Letras e o Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Foto de Paulo R. Sodré).



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



Como presidente da Academia Espírito-santense de Letras (AEL) por cinco mandatos consecutivos (1999–2019), Francisco Aurelio Ribeiro implementou políticas de preservação documental que resultaram na digitalização de 12 mil páginas de manuscritos históricos. À frente do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler) no Espírito Santo (2006–2012), sua gestão redefiniu as políticas de formação leitora no estado por meio do programa *Literatura nas Praças*, que alcançou 72 municípios com oficinas de mediação de leitura.



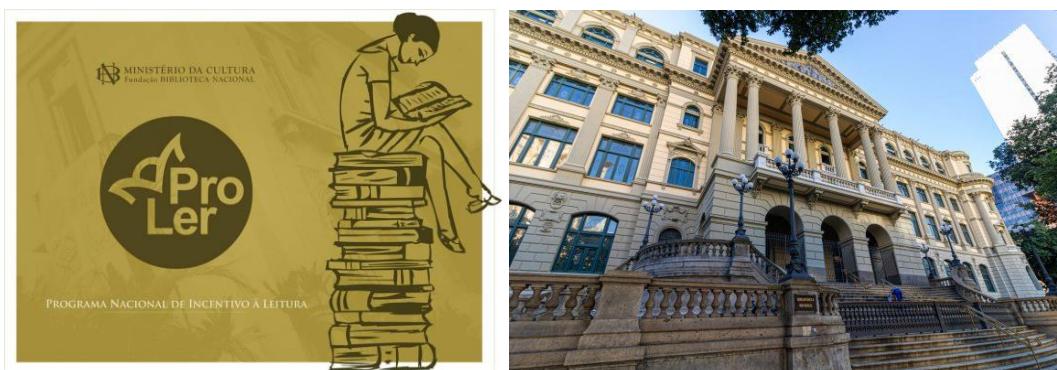
Francisco Aurelio Ribeiro na Academia Espírito-santense de Letras (Foto de Elizabeth Nader).



Academia Espírito-santense de Letras (AEL), presidida por Francisco Aurelio Ribeiro (de costas, à direita em uma das sessões por ele conduzida) durante quatro mandatos (1999 a 2001; 2005 a 2007; 2008-2010 e 2013-2015) (Fonte: AEL).



Interior da AEL (Fotos de Paulo R. Sodré).



Logomarca do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (ProLer) da Biblioteca Nacional, à frente do qual Francisco Aurelio Ribeiro atuou no Espírito Santo (Foto de fvolu / Shutterstock.com). Abaixo, registros de sua atuação na Ufes e nas escolas (Fotos sem crédito).

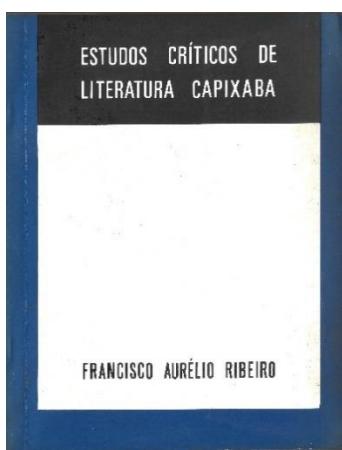


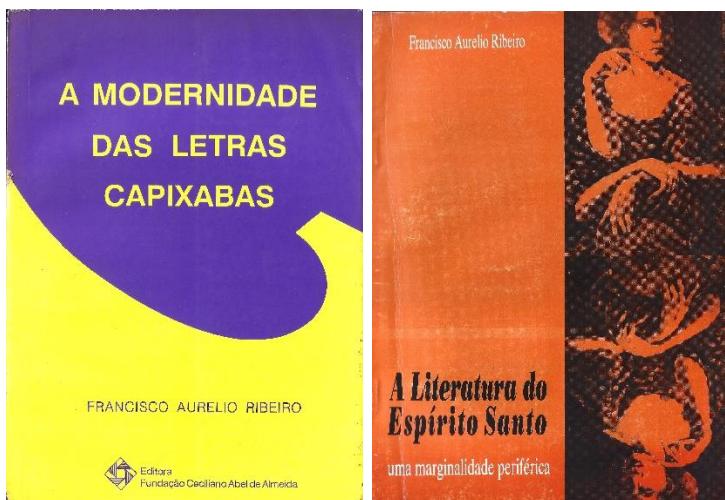
Na consultoria prestada à Secretaria de Educação do Espírito Santo (Sedu — 2008–2009), elaborou diretrizes curriculares que inseriram 38 autores capixabas no ensino médio — iniciativa detalhada na obra *Literatura do Espírito Santo: ensaios, história, crítica* (2010). Seu papel como curador da Coleção Roberto Almada (2002–2023) da PMV permitiu a reedição crítica de 34 obras raras, entre

elas *Terra roxa* (1925), de Afonso Cláudio, acompanhada de um estudo paratextual sobre seu impacto no modernismo regional.

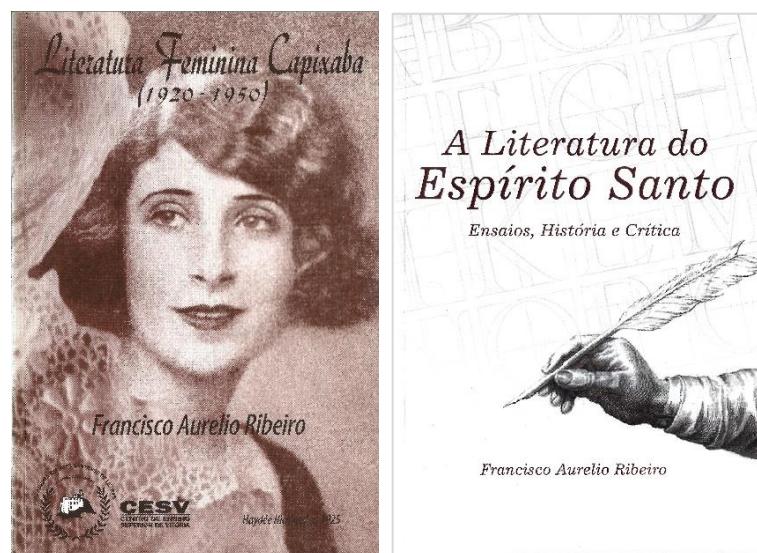
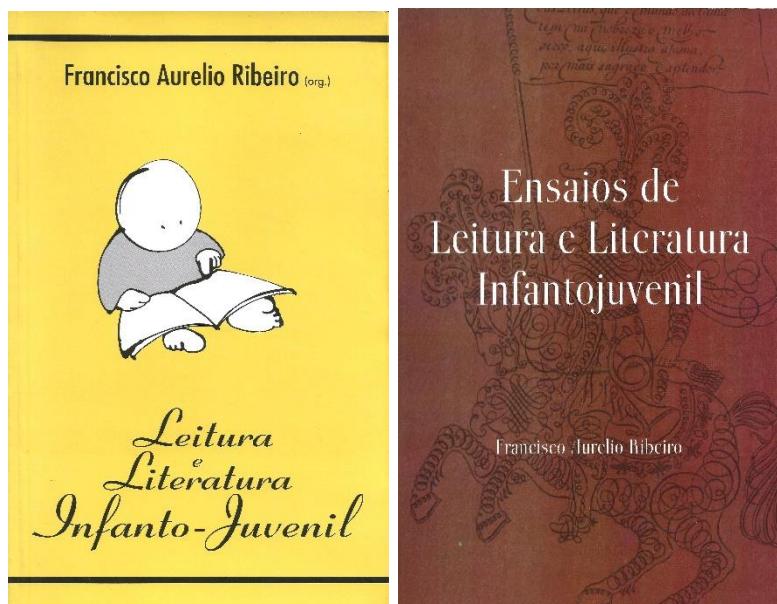
Sua dedicação aos Estudos Literários, especialmente à historiografia e à crítica da literatura produzida no Espírito Santo, resultou em um legado de obras de referência que se configuraram como pontes entre a tradição historiográfica e as abordagens contemporâneas da Literatura Comparada, com ênfase na valorização de autores marginalizados pelas narrativas hegemônicas.

Entre os trabalhos que mais se destacam em sua reflexão crítica sobre a literatura produzida no Espírito Santo, inclui *Estudos críticos de literatura capixaba* (Vitória: Fundação Cecílio Abel de Almeida [FCAA]/Ufes/Departamento Estadual de Cultura do Espírito Santo [DEC], 1990); *A modernidade das letras capixabas* (Vitória: FCAA/SPDC-Ufes, 1993); *A literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica* (Vitória: Nemar, 1996); *Leitura e literatura infanto-juvenil* (organização. Vitória: Ufes, 1997); *Literatura feminina capixaba (1920–1950)* (Vitória: Formar, 2003); *Dicionário de escritores e escritoras do Espírito Santo* (coorganização com Thelma Maria Azevedo) (Vitória: AEL/PMV, Formar, 2008); *Ensaios de leitura e literatura infantojuvenil* (Serra: Formar, 2010); *Literatura do Espírito Santo: ensaios, história, crítica* (Serra: Formar, 2010); e *Diferença e alteridade na literatura do Espírito Santo: ensaios críticos* (São Paulo: Calêndula, 2024).





Capas dos livros com a produção acadêmica de Francisco Aurelio Ribeiro.

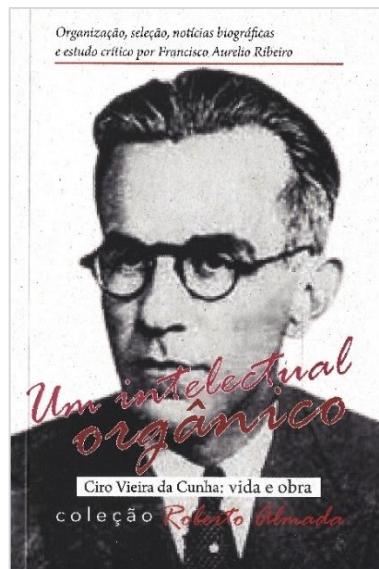
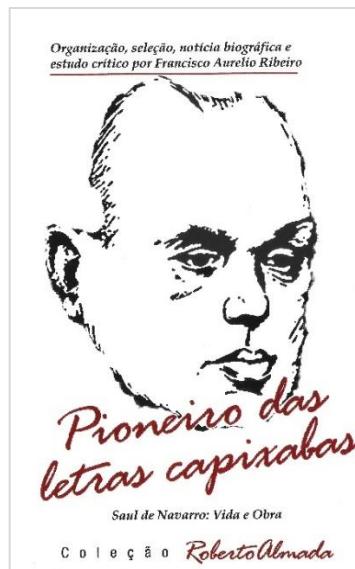
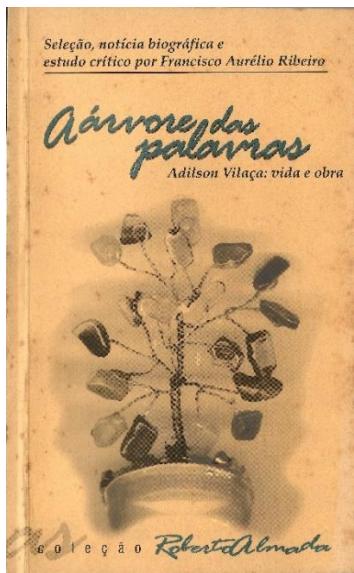


De sua produção crítica, destacam-se ainda *A literatura infantojuvenil de Clarice Lispector* (Vitória: Nemar, 1993²); e *Haydée Nicolussi (1905–1970): poeta, revolucionária e romântica* (Vitória: AEL/PMV, 2005), além dos volumes publicados na Coleção Roberto Almada, editada pela Secretaria Municipal de Cultura de Vitória: *A árvore das palavras: Adilson Vilaça — vida e obra* (Vitória: PMV, 1999); *Ainda resta uma esperança: Haydée Nicolussi — vida e obra* (Vitória: AEL/PMV, 2007); *Método confuso: Mendes Fradique — vida e obra* (Vitória: PMV, 2012); *O Pestalozzi capixaba: Amâncio Pereira — vida e obra* (Vitória: AEL/PMV, 2020); *Pioneiro das letras capixabas: Saul de Navarro — vida e obra* (Vitória: AEL/PMV, 2021); *Prisioneira da liberdade: Jeanne Bilich — vida e obra* (Vitória: AEL/PMV, 2022); e *Intelectual orgânico: Ciro Vieira da Cunha — vida e obra* (Vitória: AEL/PMV, 2023).



Capas de outros livros de estudos críticos de Francisco Aurelio Ribeiro.

² Em segunda edição (São Paulo: Calêndula, 2025).



Capas dos livros da Coleção Roberto Almada, produzida pela Prefeitura Municipal de Vitória, com estudos críticos assinados por Francisco Aurelio Ribeiro.

Aos 70 anos, Francisco Aurelio Ribeiro mantém produção intensa, unindo erudição acadêmica, gestão cultural comprometida e produção literária diversificada — elementos que continuam a influenciar novas gerações de pesquisadores e escritores empenhados na valorização da nossa literatura.



Francisco Aurelio Ribeiro (Foto de Leonardo Sá).

A entrevista a seguir, respondida por e-mail em 27 de fevereiro de 2025, integra as atividades do projeto de pesquisa "A literaluta capixaba: entrevistas sobre o circuito autor-obra-público na Grande Vitória" e está sendo publicada em primeira mão neste número da *Fernão*. Seu objetivo é apresentar as interseções entre vida e obra de Francisco Aurelio Ribeiro, além de oferecer um testemunho sobre a vida literária e artística dos anos 1980 até hoje. O conjunto de treze perguntas abrange temas como o processo criativo, a recepção, o mercado editorial, o sistema literário regional e as negociações entre seus agentes, o ensino de literatura, as questões de gênero, o machismo, a sociedade e a política no Brasil e no mundo.

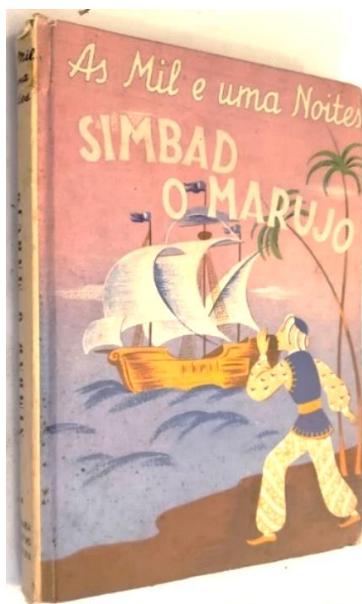
Ao longo de quatro décadas de trajetória como escritor, inaugurada com o livro para crianças *Era uma vez uma chave*, de 1984, você já publicou 72 livros, entre 37 obras literárias e 35 acadêmicas. Atualmente, contam-se entre as de escrita criativa mais algumas obras

em processo de pesquisa. Como e quando a leitura e a literatura entraram em sua vida? E como você define sua trajetória literária — houve um momento inaugural ou o caminho se construiu gradualmente?

A leitura e a literatura entraram em minha vida muito cedo. Nasci na Serra do Caparaó, numa pequena comunidade mesclada de filhos de imigrantes, como meus pais, descendentes de povos originários e de escravizados. Não havia livraria ou biblioteca onde nasci e nem livros em casa, exceto na de minha professora, Dona Penha, com quem aprendi a ler e que me emprestou os primeiros livros de literatura infantil. No entanto, tive um avô italiano, que adorava contar histórias fantásticas e meus pais, que tiveram a sensibilidade de me presentear com livros, quando viram meu interesse pela leitura e pela literatura. O único livro que havia lá em casa, quando aprendi a ler, era a *História sagrada*, edição popular ilustrada, que li de cabo a rabo. Daí pra frente, não parei mais.

Meu primeiro livro de presente foi *As aventuras de Simbad, o marujo*, que me despertou para a literatura, as viagens e as aventuras. Quando fiz dez anos, ganhei a coleção do *Tesouro da juventude*, em 36 volumes, que me acompanhou a adolescência. Talvez tenha sido o melhor presente jamais ganho na vida. Também ganhei os contos da Carochinha, da Editora Quaresma, que ainda tenho, há mais de 60 anos.





Referências literárias da infância de Francisco Aurelio Ribeiro: *Tesouro da juventude*, *As aventuras de Simbad, o marujo* (Imagens sem crédito) e os *Contos da Carochinha*, cujos exemplares o autor mantém até hoje em sua biblioteca (Fonte: Foto do autor).



De Ibitirama, fomos para Guaçuí e lá devorei quase todos os livros da Biblioteca Pública Dr. Custódio Tristão e todos os da biblioteca da Professora Carmen L. Emery. Fiz o Ginásio como interno nos Salesianos de Jaciguá, onde li todos os livros da biblioteca dos alunos e os que consegui da biblioteca reservada aos padres. Ou seja, sou um leitor compulsivo, desde que fui alfabetizado, aos 6 anos.



Estação ferroviária de Guaçuí, ES (Fonte: Acervo do autor).



Colégio São Geraldo (Fonte: Acervo do autor).

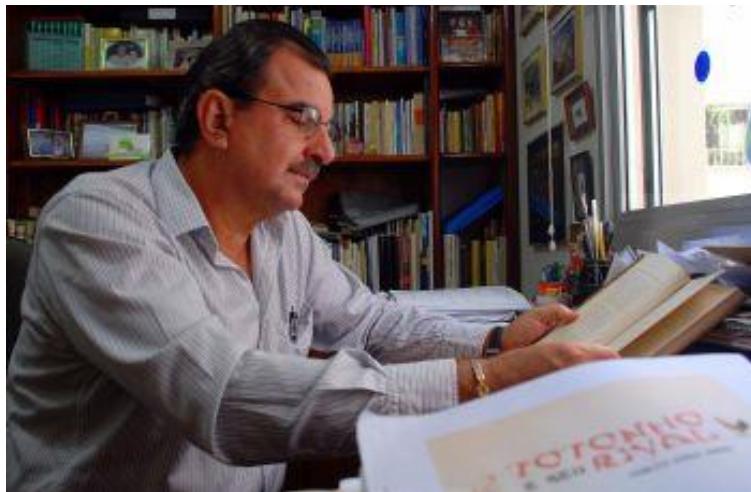


Ginásio dos Salesianos de Jaciguá (Fonte: Acervo do autor).

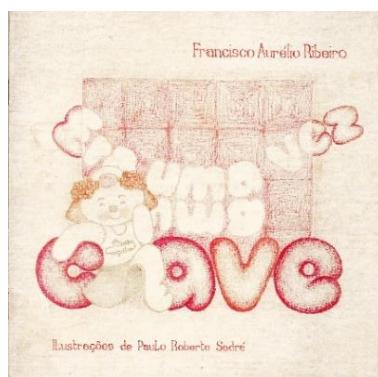
Você transita por diversas formas e gêneros literários, escrevendo para públicos infantil e adulto, publicando crônicas, contos, crítica, teoria e historiografia literária. Para citar um exemplo de cada: infantil em *O Gato Xadrez* (Miguilim, 1985); crônicas em *Olhar estrangeiro ou praga de cigano* (Cousa, 2023) e ensaios em *Diferença e alteridade na*

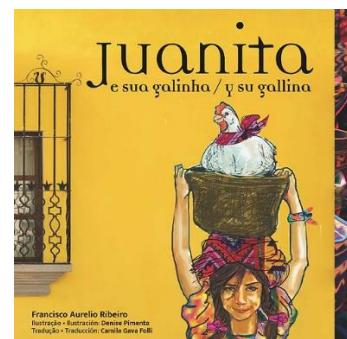
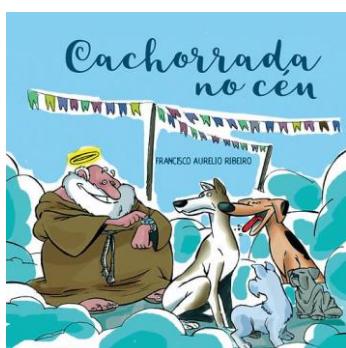
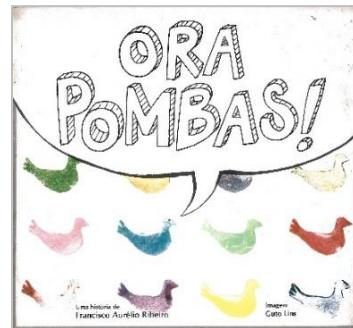
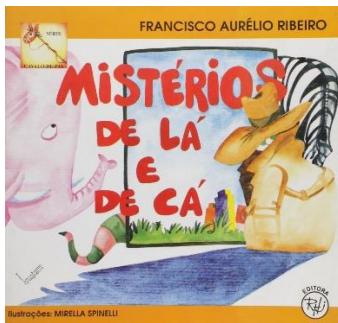
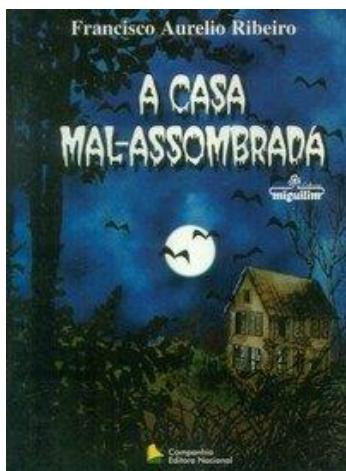
Literatura do Espírito Santo (Calêndula, 2024). Como é seu processo criativo na escrita literária para crianças, jovens e adultos? Quais são as opções formais e temáticas que orientam seu método de escrita e seu projeto ético-estético?

Comecei a escrever para crianças, por editoras fora do Espírito Santo, em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Na década de 80, vivíamos o “boom” da literatura infantil, após os tristes anos da ditadura militar. Sempre gostei de fazer histórias lúdicas, releituras de fábulas, e nunca me preocupei com aspectos morais ou pedagógicos, ao escrever para crianças.



Francisco Aurelio Ribeiro em sua biblioteca, em 2010 (Foto de Elizabeth Nader). Abaixo, capas dos primeiros e dos mais recentes livros do autor dedicados a crianças e jovens.



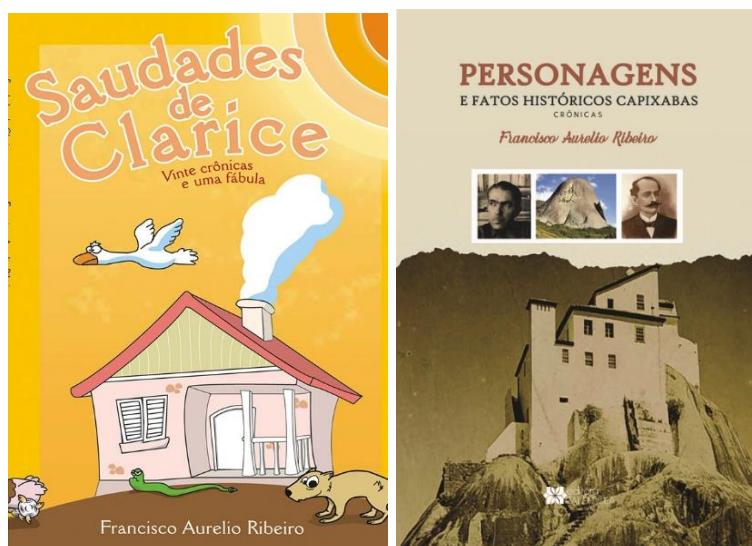


Depois de terminar o mestrado e o doutorado, a partir de 1990, comecei a publicar os vários trabalhos de crítica literária sobre os autores capixabas. Literatura Infantil e Literatura do Espírito Santo eram os meus principais focos e continuam sendo.



Capa do livro mais recente de ensaios de Francisco Aurelio Ribeiro.

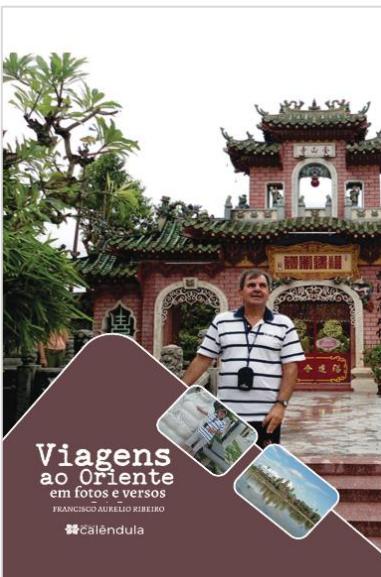
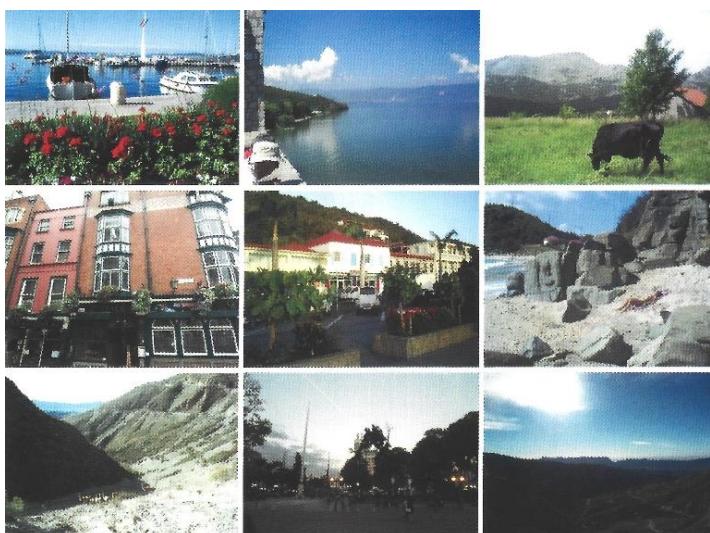
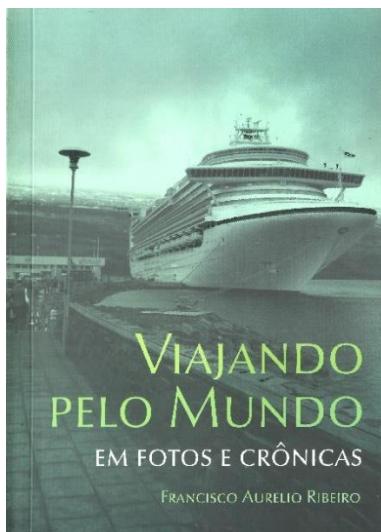
Comecei a publicar crônicas no jornal *A Gazeta*, também na década de 80, e ainda continuo a escrever para esse jornal. Algumas foram parar em livros. Também gosto de escrever sobre viagens, um dos meus maiores prazeres, junto com a leitura.



Capas de livros de crônicas de Francisco Aurelio Ribeiro.



Capas de livros de crônicas sobre viagens de Francisco Aurelio Ribeiro.
À direita, foto do autor em uma de suas viagens e a série de fotos do próprio autor na contracapa de *Viajando pelo mundo em fotos e crônicas*.





Francisco Aurelio Ribeiro

É doutor em Letras, professor e escritor. Seus textos tratam de literatura, grandes nomes do Espírito Santo e atualidades. Escreve quinzenalmente às segundas

Literatura

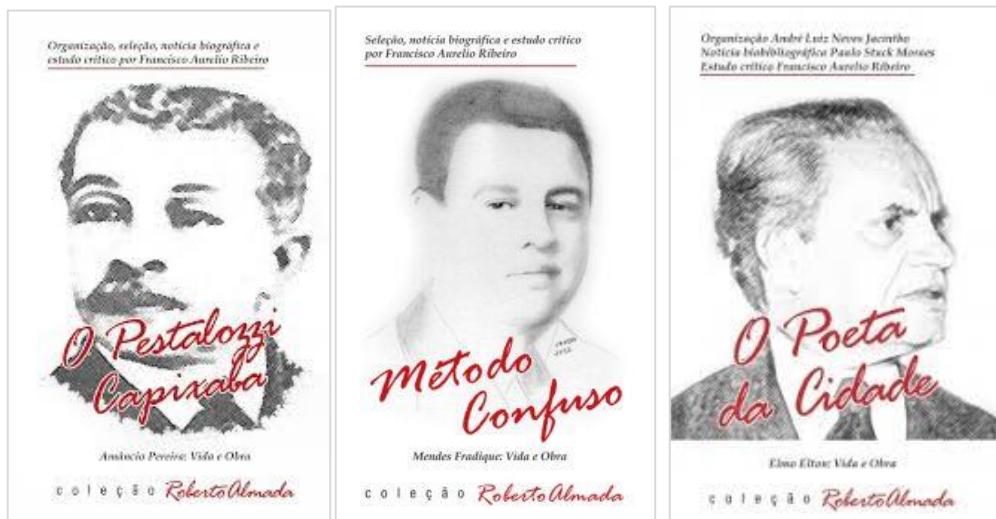
Abril é especial para nós, escritores e leitores

Parabéns aos escritores, aos bibliotecários e, sobretudo, aos leitores, sem os quais não faz sentido escrever

Francisco Aurelio Ribeiro | Colunista
faribe@gmail.com

Print da coluna de crônicas de Francisco Aurelio Ribeiro, no jornal *A Gazeta* online.

De algum tempo para cá, tenho pesquisado e publicado biografias de autores capixabas: Adilson Vilaça, Afonso Cláudio, Haydée Nicolussi, Mendes Fradique, Saul de Navarro, Adelpho Poli Monjardim, Ciro Vieira da Cunha, Jeanne Bilich e Amâncio Pereira. E um último projeto, feito em parceria com o Prof. Luiz Guilherme S. Neves, recém-falecido, é o de livros didáticos sobre os municípios do Espírito Santo. Enfim, sou um escritor polivalente, mas não sou um escritor de ficção, autor de romances ou de contos. Me considero mais um leitor do mundo em que vivo e que me impele a escrever o que vejo e leio neste mundo.



Capas de outros volumes da Coleção Roberto Almada,
com estudos de Francisco Aurelio Ribeiro.

No artigo “O narrador em *O menino e os ciganos*”, Fabiani Rodrigues Taylor Costa comenta seu livro *O menino e o cigano e outros contos* e compara sua atuação como escritor aos griôs, “[...] os condutores do rito do ouvir, ver, imaginar e participar, são os artesãos da palavra. São os que trabalham a palavra, burilam, dão forma, possuem essa especialidade de transformar a palavra em objeto artístico”. Afirma ainda a autora: “Assim, Francisco Aurélio nesse singelo livro infantil, torna-se esse griô que, com o bilro em suas mãos, transforma artesanalmente as palavras e nos presenteia tal qual Tia Nastácia de Monteiro Lobato, com suas histórias contadas pela oralidade, mas que mesmo passando para a escrita, elas se entrelaçam às nossas histórias e formamos como ouvintes outras que talvez um dia possamos contar para as futuras gerações também como griôs – vovós ou vovôs – que passam de geração para geração à memória de um povo” (COSTA, 2018, p. 112). Dada essa percepção, para quem você escreve? Considerando a maneira como elabora seu estilo e define a destinação de sua escrita, há um tipo de leitor específico ou um público-alvo ao qual seus trabalhos, como escritor, se dirigem? Além disso, como você comprehende o contexto amplo de recepção de seus textos desde os anos 1980 — literário, cultural, intelectual, linguístico, socioeconômico e político?

Fabiani, ex-aluna querida, foi generosa em seu ensaio, a quem agradeço. Considero Adilson Vilaça um verdadeiro griô, entre nós. Sou apenas um escrevedor de histórias, que ouvi ou imaginei e as reconto. Sempre me preocupa o receptor de minhas obras. Como escrevedor de histórias para crianças ou de crônicas para jornal, sei que serei lido por um tipo específico de leitor; por isso, procuro respeitar-lhe o provável gosto ou interesse pelo que escrevo. Ninguém escreve para si mesmo. Seria muita vaidade. Escrever e publicar é ir ao encontro

de um leitor, sem o qual o processo de recepção não existe. Livro é caro, trabalhoso e não deve ser escrito para ficar em bibliotecas ou prateleiras empoeiradas de bibliotecas sem leitores. Talvez a publicação eletrônica resolva, em parte, a questão da recepção e da leitura.



Capas de *O menino e os ciganos e outros contos* e do livro *Bravos 7*, em que foi publicado o estudo de Fabiani Taylor sobre aquele, e foto da autora com Francisco Aurelio Ribeiro (Fonte: Acervo do autor).

Quanto à minha história de publicação de livros, não posso reclamar. Nos anos 80, meus livros infantis tinham tiragens de 3 a 5 mil exemplares e foram divulgados pelo Brasil afora. Andei ceca e meca, em feiras de livros e seminários literários.

Depois, com o advento da internet, nos anos 90 e das redes sociais, a partir de 2010, o cenário mudou. As edições são pequenas ou sob demanda. A literatura sobrevive de pequenos nichos literários, de clubes do livro ou de leitura, de academias de letras, de indicações escolares. Alguns poucos escritores, os da moda, vendem muito e, depois de algum tempo, são substituídos por outros. Tempos de modernidade líquida... Não existem grandes escritores, que formem uma unanimidade nacional. Adélia Prado, agraciada recentemente com o Prêmio Camões, não é conhecida nem pelo governador de Minas, um tal do Zema. Pode isso?





Acima, Francisco Aurelio Ribeiro em sua incansável divulgação de seu trabalho literário e ensaístico: sessão de autógrafos, palestra nas escolas (Fonte: Acervo do autor). Abaixo, entrevista a Gabriela Zorzal, 2016, na TV Assembleia do ES (Foto de Olivian Carlesso) e a Joel Soprani, 2024, no Tribuna Online (Fonte: TV Tribuna).





Em maio de 2023, na entrevista a Francisco Grijó, no programa televisivo *Vitrine Literária*, você comenta que a literatura para crianças não “melhorou” muito nos últimos anos, tendendo os autores e autoras seja para uma “pasteurização” ou “suavização” no tratamento de temas para as crianças, seja para um moralismo e um didatismo (RIBEIRO, 2023) típicos das origens dessa literatura, no século XVIII e XIX. Como você procura evitar essas tendências em sua literatura?

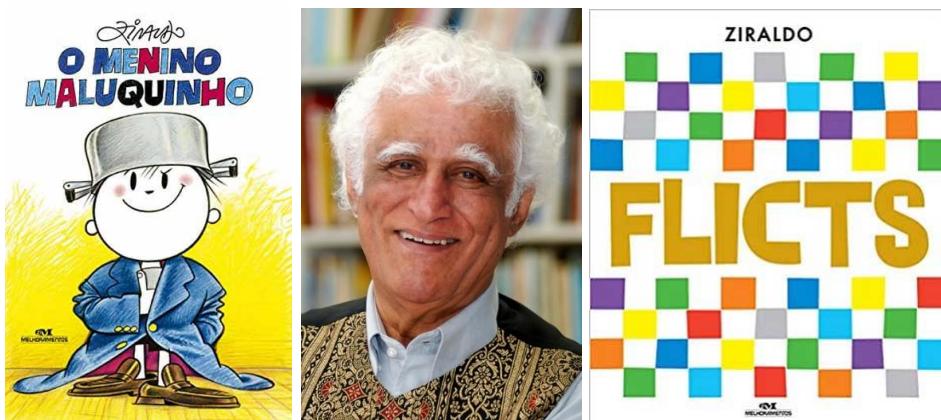


Francisco Grijó entrevista Francisco Aurelio Ribeiro, em maio de 2023, no programa televisivo *Vitrine Literária* (Fonte: Acervo da TV Vitória).

O que acontece é que a literatura escrita para crianças sempre sofreu a influência da pedagogia, dos educadores, pais, professores, bibliotecários, ou seja, todos que educam as crianças. E, para eles, livro é para educar valores e bons costumes. Isso acontece desde que a família burguesa inventou a escola e a literatura para crianças, no século XVIII, segundo Regina Zilberman. Em poucos momentos, a literatura infantil priorizou o estético, o lúdico e a imaginação. Andersen, na Dinamarca, e Ziraldo, no Brasil, fizeram isso. Lobato, não.



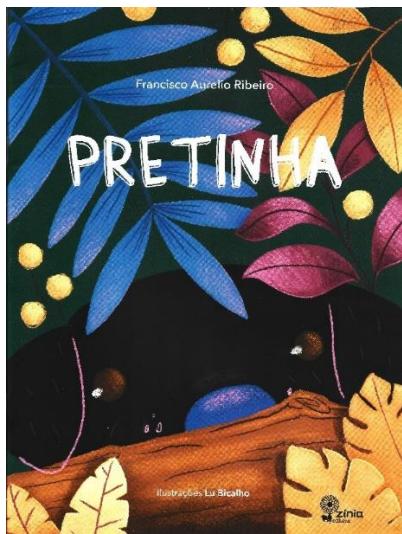
Referências para Francisco Aurelio Ribeiro:
Hans Christian Andersen (1805-1875)

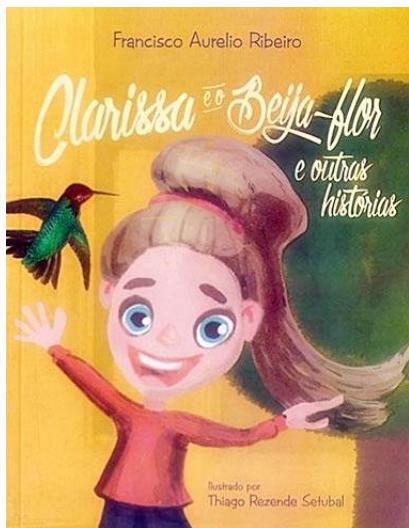


e Ziraldo (1932-2024) (Fotos sem crédito).

Meu último livro para crianças, *Pretinha*, a história de uma cachorrinha deficiente física que apareceu no nosso sítio, é um livro lindo como objeto estético. No entanto, deixou de ser indicado para leitura numa das maiores escolas de Vitória por um adjetivo atribuído à Pretinha, "foguenta". Para mim, seria apenas

"espevitada"; para as pedagogas, a palavra tinha conotação sexual e sexo é tabu, nos livros infantis. Outro livro meu, *Frajola e sua paixão*, é a história de um ganso que se apaixona por um galo. Ao final, comprova-se que o ganso era gansa, um Diadorim do reino animal rs. O livro foi boicotado por algumas escolas com o argumento de que tratava de homossexualidade rs. Outro, *Histórias Capixabas*, teve de ter a capa inicial, com Nossa Senhora da Penha, a Padroeira do ES, trocada por uma com Maria Ortiz, para atender ao público evangélico, bem como na segunda edição de *Clarissa e o beija-flor*, obra premiada no edital da Secult, tivemos de retirar a imagem de São Francisco de Assis no Prefácio. E por aí vai.





Capas dos livros censurados de Francisco Aurelio Ribeiro.

Ficou chato viver e escrever em tempos de cultura iletrada, em que pedagogos e ideologias políticas ou religiosas decidem o que pode ou não ser lido pelas crianças e jovens, controle que não conseguem fazer com outras manifestações culturais absorvidas, principalmente, pelas redes sociais.

Professor aposentado da Universidade Federal do Espírito Santo, você é um dos fundadores do Programa de Pós-Graduação em Letras e apoiador na fundação do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples) por Reinaldo Santos Neves, além de ter lecionado em diversas instituições de ensino, tanto públicas quanto privadas, abrangendo o Ensino Fundamental, Médio e Superior. Em que medida a crítica, a teoria e as trocas propiciadas nos espaços escolares e acadêmicos influenciam seu processo criativo e seu trabalho de escrita literária para crianças, jovens e adultos?

Você esqueceu de citar que fui um dos idealizadores da criação da Edufes, há 30 anos.

Creio que, se houver uma missão na vida de um professor, a minha é a de ensinar a ler. Comecei a lecionar aos doze anos, depois que fiz um curso de Alfabetização de Adultos pelo Método SDB, uma variante do Método Paulo Freire, no auge da ditadura militar. Depois de um intervalo de cinco anos, em que concluí o ensino fundamental e médio, entrei na Faculdade de Letras e comecei a lecionar, em 1973.

Quando entrei na Ufes, em 1982, já tinha quase dez anos de magistério e muita experiência como professor em escolas sem bibliotecas, sem livro didático, sem merenda escolar, sem nada. O único material didático era o giz. Tive de me virar para trabalhar com literatura e com livros, pois, até mim, ela era ensinada por meio de biografias de escritores ditadas por professores que lecionavam sentados. Até hoje, sei de cor a biografia de José de Alencar, os poemas principais de Castro Alves e Olavo Bilac, além de "Ismália", de Alphonsus de Guimaraens.



Ufes (Restaurante Universitário e Biblioteca Central) nos anos 1980,
quando Francisco Aurelio Ribeiro inicia sua carreira como docente (Foto sem crédito).

Minha principal tarefa, nas escolas públicas onde trabalhei, era iniciar a biblioteca e fiz isso em toda a minha vida, inclusive na biblioteca do PPGL, para a qual doei

muitos dos meus livros e a do Neples. Também a biblioteca da AEL possui um acervo precioso, porém malconservado, doado por mim. Não sei se toda essa fixação em proporcionar livros aos leitores potenciais vem da minha carência de infância e também não sei se isso influencia meu processo de escrita e de produção literária. Não cabe a mim analisar.

Sua obra apresenta uma vasta recorrência imagética. Muitos dos seus livros foram ilustrados por artistas como Attílio Colnago (*O Gato Xadrez*, Miguilim, 1985), Mirella Spinelli (*Mistérios de Lá e de Cá*, RHJ, 1992) e Thiago Setubal (*Clarissa e o Beija-Flor*, Formar, 2022), ou com fotografias de sua autoria (*Viajando pelo Mundo em Fotos e Crônicas*, Formar, 2013). Como você pensa e cria relações entre imagem e linguagem verbal? Como se estabelece o diálogo com seus ilustradores e ilustradoras? De que modo as ilustrações influenciam sua aproximação ao objeto literário – ou vice-versa?

A ilustração é essencial em livros para crianças e secundária para jovens e adultos. Tenho pouca relação com ilustradores de livros infantis; geralmente, entrego o texto e vejo as ilustrações, posteriormente. Com alguns estabeleci um diálogo; outros nem conheci. Adorei a ilustração do meu último livro, *Pretinha*, sem conhecer a Lu Bicalho. Depois de lançado, vim saber que é sobrinha de uma grande amiga, ex-aluna, a Alba Bicalho.

Às vezes, “dá ruim”, como se diz hoje. Meu livro recente, *Dona Mariquinha*, foi selecionado no edital da Sedu, mas não gostei do projeto gráfico. Achei que não se adequava ao texto e falei isso com a editora. Não deu outra: a Sedu aprovou o livro, mas exigiu a substituição do projeto gráfico. Indiquei o Wellington e, agora, o livro está lindo. Com certeza, será apreciado pelas crianças e pelos adultos que o lerem.



Capa da antiga e da nova edição de *Dona Mariquinha*, de Francisco Aurelio Ribeiro.

Em seus livros para crianças, desde o inaugural *Era uma vez uma chave* (1984), percebe-se uma preocupação com a contação de história, a ficcionalidade e a elaboração lúdica da linguagem. Entretanto, esses mesmos livros são trabalhados nas escolas como apoio a lições de língua portuguesa, como o uso dos dígrafos naquele primeiro livro. Como você lida com essa relação entre suas obras literárias e seu eventual uso paradidático?

Pois é, esse é o principal desafio de quem escreve para crianças: escrever uma história lúdica, sem moralismos ou ensinamentos, que poderá ser utilizada como recurso didático por professores, em diferentes situações de aprendizagem. Isso pode ocorrer com qualquer obra literária. Não se utiliza *Iracema*, do Alencar, como exemplo de prosa poética, ou poemas do Cruz e Sousa, para explicar o Simbolismo e Bilac para o Parnasianismo? Nenhum escritor deve escrever para ser instrumento didático, mas, se o for, e isso depende da habilidade do professor, é ótimo. Meus primeiros livros, *Era uma vez uma chave*, *Leve como a Folha* e *O gato Xadrez*, tiveram fragmentos incluídos em vários livros didáticos para exercícios gramaticais diversos; no entanto, seu sucesso até hoje, pois são ainda editados, 40 anos após lançados, não se deve a isso, mas ao trabalho literário e artístico feitos por texto e imagem.

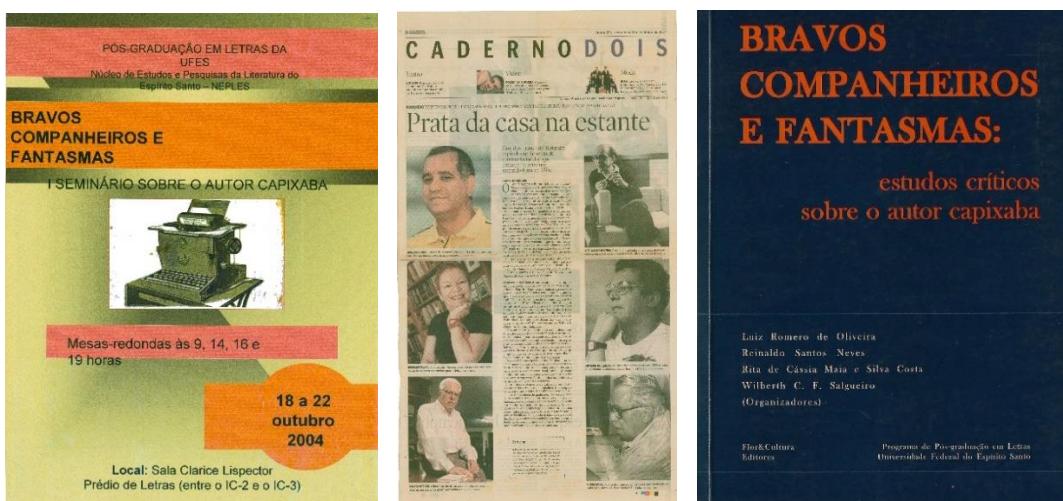
Em 4 de julho de 2022, você publicou um artigo no jornal *A Gazeta* intitulado “O Espírito Santo não respeita seus escritores”, no qual cita Paulo Zucheratto, escritor “capixaba que foi pra São Paulo e lá criou a Editora Nova Alexandria, que resiste a duras penas, nestes tempos em que livro virou produto de nenhuma utilidade em tempos obscuros” (RIBEIRO, 2022, n.p.). Nas entrevistas do projeto *Notícia da atual literatura brasileira* (CEI et al., 2020, 2021, 2025), constatou-se uma percepção quase unânime entre quatro dezenas de escritores residentes no estado quanto às dificuldades de circulação, distribuição e recepção de suas obras, enfrentando barreiras para alcançar editoras e leitores dentro e fora do Espírito Santo, apesar da atuação da Academia Espírito-santense de Letras desde os anos de 1920, de que foi presidente em três mandatos; de sua criação da disciplina “Literatura do Espírito Santo”, nos anos 1980, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Letras da Ufes e posteriormente incluída entre as disciplinas optativas do Curso de Licenciatura em Letras da mesma Universidade; de evento bianual como o *Bravos/as Companheiros/as e Fantasmas: seminário sobre o/a autor/a capixaba*, iniciado em 2004 e já em sua 11^a edição; de sites voltados para a cultura capixaba, como o Estação Capixaba ou Tertúlia, e, mais recentemente, da *Fernão: Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo*, periódico semestral inaugurado em 2019 e já na sua 13^a edição. Diante do nosso circuito autor-obra-público e da chamada *literaluta capixaba*, o que você observa?



Página de *A Gazeta online* com o artigo “O Espírito Santo não respeita seus escritores”, de Francisco Aurelio Ribeiro.



Página inicial do Blog do Neples.



Cartaz, matéria e capa do livro da 1ª edição do evento Brav@s Companheir@s e Fantasmas: seminário sobre o/a autor/a capixaba, criado e produzido pelo Neples.



Página inicial do site da Academia Espírito-santense de Letras (AEL).



Página inicial do site Estação Capixaba,
coordenado por Maria Clara Medeiros Santos Neves.

Página inicial do site Tertúlia: livros e autores do Espírito Santo,
coordenado pelo escritor Pedro J. Nunes.

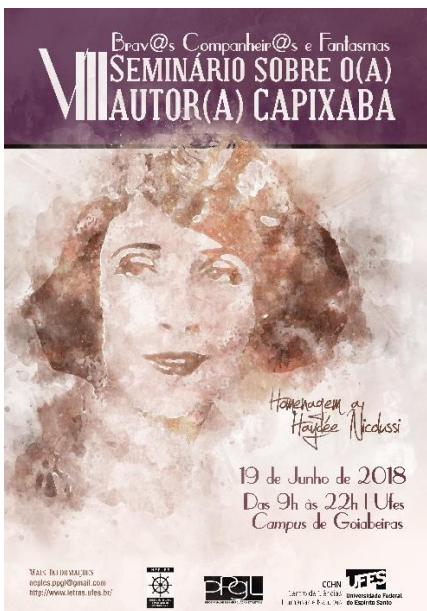


Capas do primeiro e do mais recente número da *Fernão: Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo*.

A luta é constante, insana e quase perdida. Escrever e publicar aqui é um desafio constante, pois não há divulgação do que se faz e a produção literária capixaba não circula. Mesmo os livros premiados em editais, se não forem obtidos em lançamentos, não o serão mais.



Cards de algumas das inúmeras participações de Francisco Aurelio Ribeiro: Projeto *Viagem pela Literatura*, promovido por Elizete Caser, na Biblioteca Municipal de Vitória (e livros do autor que compõem seu acervo). Abaixo, cartaz da *Feira Literária Capixaba* e do *Bravos/as Companheiros/as e Fantasmas: seminário sobre o/a autor/a capixaba*, no Neples/PPGL/Ufes.





Registros da participação de Francisco Aurelio Ribeiro em eventos de divulgação da literatura provinda do Espírito Santo.

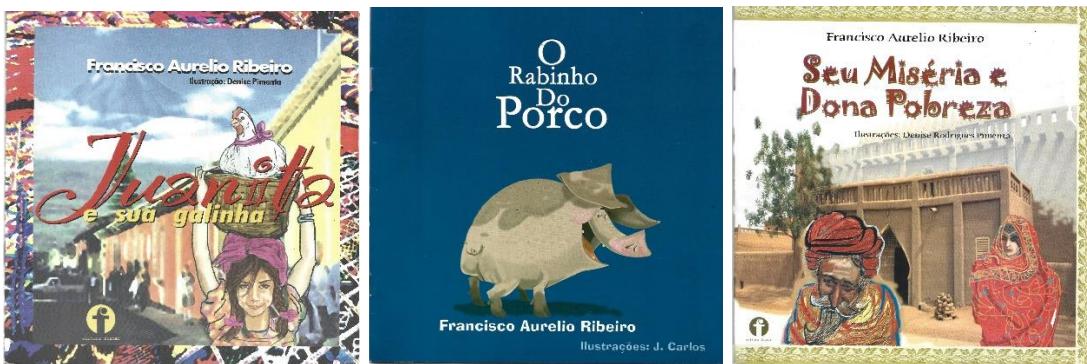
Ser escritor capixaba é conviver com a invisibilidade, o descaso, o menosprezo, a indiferença. E isso há muito tempo. Poucos escritores nascidos no Espírito Santo conseguiram destaque nacional: Rubem Braga, Carlinhos Oliveira, Marly de Oliveira, Danuza Leão, Elisa Lucinda. E todos eles saíram daqui. Triste realidade!



Capas e retratos de autor e autoras capixabas conhecidos nacionalmente.

Hoje, seu trabalho possui amplo reconhecimento, como comprova este portfólio da revista *Fernão* dedicado ao estudo de sua obra literária. Complementando a pergunta anterior: como você avalia a recepção e o reconhecimento de sua obra?

Agradeço a vocês essa oportunidade de divulgação de minha obra, com este portfólio. Sou mais reconhecido como crítico literário, pesquisador da literatura feita no ES e escritor de livros para crianças e, apesar de ter tantos livros publicados, eles não são encontrados facilmente. Eu mesmo tenho comprado edições antigas de meus livros nos sebos virtuais e os novos, se quero presentear alguém, também os compro.

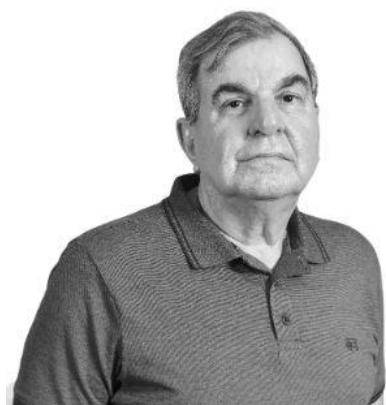


Capas de livros para crianças, de Francisco Aurelio Ribeiro.

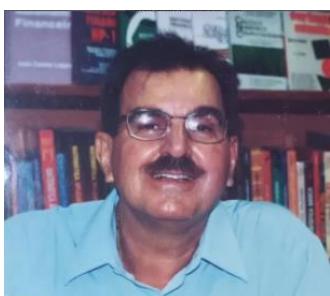
As pessoas acham que o autor é dono de sua obra. Eu mesmo não sou, pois não pago para os fazer. Admiro quem tem recurso para isso, mas não o faço. Livro foi feito para circular e não para ser guardado embaixo de camas. Morro de pena, quando morre algum colega e seus livros são descartados, às vezes, até nos lixos. Tenho presenciado isso, o que me corta o coração. Sei o quanto lhe custou escrever o livro, para nada. Há poucos anos, vi a imensa biblioteca de Jeanne Bilich, Gabriel Bittencourt, Aylton Bermudes, se desfazerem como pó. Dolorido!

Você tem perfis em redes sociais como Instagram e Facebook. Como avalia sua participação e a de outros escritores contemporâneos no ciberespaço? Que possibilidades e desafios as tecnologias digitais apresentam para a criação e a recepção de sua obra?

Confesso que sou neófito em redes sociais. Não lido bem com novas tecnologias e muito menos com o mundo do ciberespaço. Procuro divulgar os livros que leio, os que escrevo, atividades de disseminação do livro, da leitura e da literatura, mas não aprendi nem a fazer uma *selfie* direito e muito menos tirar foto no espelho. Acho tudo isso um saco, como diria Raul Seixas rs...



Retratos de Francisco Aurelio Ribeiro (Fotos sem crédito).



Nasci no mundo analógico, leio os livros em papel, cheguei até a comprar um leitor de livros digitais, mas não deu... prefiro o contato, o cheiro, o sabor dos

livros em papel. Pra mim, pegar o livro pela primeira vez, abri-lo, cheirá-lo, tocá-lo e ir lendo devagar, sem pressa de terminar, é puro erotismo.

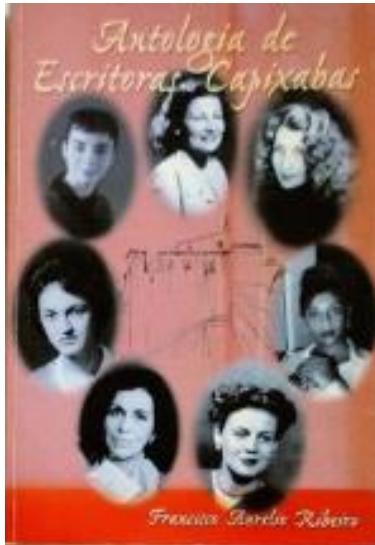
O Espírito Santo e o Brasil, de modo geral, enfrentam o desafio da democratização do acesso à literatura e às artes, o que implica, por consequência, a necessidade educativa de formar leitores. Considerando sua vasta experiência, que inclui mandatos como representante da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) no Espírito Santo (anos 1980), secretário de Produção e Difusão Cultural da Ufes (anos 1990), presidente do Conselho Editorial da Edufes (anos 1990) e presidente da Academia Espírito-santense de Letras por quatro mandatos (1999 a 2001; 2005 a 2007; 2008-2010 e 2013-2015), como você avalia o papel das instituições públicas e privadas nessa tarefa educativa? Quais são os principais desafios para a formação de um público leitor, tanto para escritores estreantes quanto para veteranos?

Já atuamos melhor. Nos anos 80 e 90, e nas duas primeiras décadas do século XXI, havia o PROLER – Programa Nacional de Leitura, do MINC, em que atuamos ativamente, no insano desafio de formar leitores.

Conforme a última pesquisa divulgada do “Retratos da Leitura no Brasil”, o número de leitores decaiu, nos últimos anos. Muitas editoras e livrarias fecharam. Acabei de ler, mas não chequei, que o Pará fechou 800 bibliotecas escolares. O Espírito Santo tinha bibliotecas nos 78 municípios; atualmente, só a metade. A maioria das escolas não possui bibliotecas ou bibliotecários. A Biblioteca Pública Estadual, com 170 anos, está com sérios problemas de manutenção do seu espaço físico e de funcionários. As Bienais Capixabas do Livro, As Feiras Literárias Capixabas, dentre outros grandes eventos de promoção e de divulgação da literatura, deixaram de ocorrer, já há alguns anos. Ou seja, estamos vivendo uma época de desvalorização da cultura lettrada. Creio que haverá uma volta, como já

está ocorrendo nos países escandinavos, mas até lá o estrago será grande. Impedir o uso de celular nas escolas já é um avanço. Se conseguirem colocar a meninada e a juventude em atividades de leitura, aí será melhor ainda. Hoje, a arte literária está “nichada”, como diz o Anaximandro Amorim, pois sobrevive nos guetos, como as academias de letras, os clubes de livro, as pequenas livrarias e editoras, os cursos de Letras, enfim, em espaços bem restritos.

Historicamente, observa-se o silenciamento das vozes e a repressão dos corpos das mulheres e de outras minorias. Em contrapartida, você é pesquisador da literatura feita por mulheres no Espírito Santo e no Brasil, tendo escrito sobre Ana Maria Machado, Clarice Lispector, Haydée Nicolussi, entre muitas outras, além de personagens históricas como Maria Ortiz. Como o machismo, a misoginia e outras formas de opressão presentes na sociedade impactam sua escrita literária?



Capa da *Antologia de escritoras capixabas*, organizado por Francisco Aurelio Ribeiro.

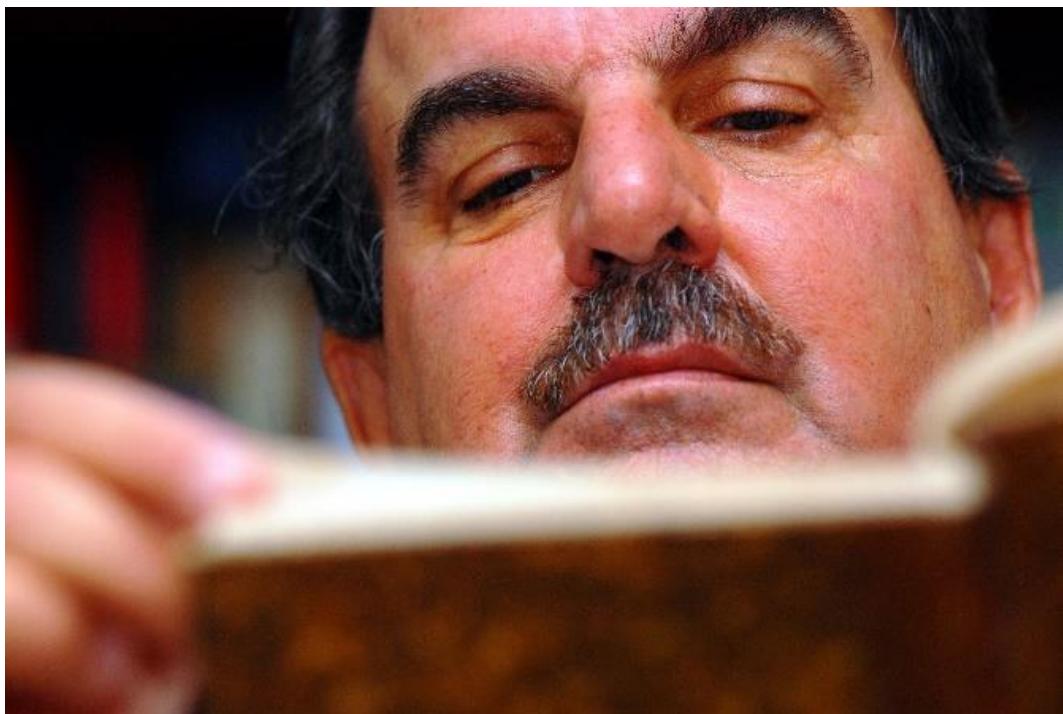
Vivemos o impacto do multiculturalismo, onde todas as vozes podem e devem se manifestar. Após o doutorado, passei duas décadas realizando pesquisas sobre a literatura feita por mulheres, por negros, por gays, a que focava os indígenas, as

crianças e os pobres, na literatura produzida no Espírito Santo. Um pouco disso está no livro *A literatura do ES: uma marginalidade periférica e A modernidade das letras capixabas*. Se não consegui dar visibilidade a esses grupos ou vozes, pelo menos, joguei-lhes o foco, para que suas vivências fossem reconhecidas. Silviano Santiago, quando lhe enviei esse livro, me disse que, no Brasil, podemos fazer literatura comparada entre nós, tal a diversidade das produções regionais e seu desconhecimento pelos grandes centros.

Quando criamos o PPGL, imaginamos poder ser ali um centro de estudos e de pesquisas de autores capixabas, mas não foi possível, pela exiguidade de pesquisas na área. Sobrou o Neples e a realização bianual do Bravos Companheiros e Fantasmas, que preenchem essa falta.

Diante do panorama da literatura atual — regional, nacional e internacional —, o que você observa? Quais escritores e escritoras você tem lido e com quem busca dialogar? Comente sobre suas principais inquietações e estímulos em relação à produção literária contemporânea.

Sou um leitor compulsivo, leio diuturnamente. Procuro acompanhar a produção literária local, mas nem sempre consigo, pois, após lançados, os livros desaparecem. No cenário nacional, li os livros da Carla Madeira, do Itamar Vieira Junior e do Jefferson Tenório, os novos fenômenos literários. No cenário internacional, tenho lido Agualusa, Mia Couto, Valter Hugo Mãe e os livros das últimas mulheres ganhadoras do Nobel de Literatura, Herta Müller, Annie Arnaux e Hang Kang. Parece que o júri do Nobel está descobrindo a escrita das mulheres, ainda que tarde e pra azar de Virginia Woolf, Simone de Beauvoir, Margueritte Duras ou Margueritte Yourcenar. Não sei se minha limitada, ainda que extensa obra, dialoga com as leituras que faço, pois não cabe a mim apontar isso, mas, penso como Borges, no poema “O Leitor”: “A mim me agradam muito mais os livros que leio do que os que escrevo”. Cito de cor e não sei se está preciso.



Francisco Aurelio Ribeiro (Foto de Elizabeth Nader).

Nos últimos anos, a crescente polarização política na sociedade brasileira tem intensificado debates sobre o lugar da arte, com destaque para forças interessadas em controlar e censurar manifestações artísticas e culturais. Nesse contexto, observa-se uma série de violações ao direito à literatura e à democratização do acesso à leitura literária. Como você avalia esse cenário? E quais são suas expectativas quanto ao desfecho do atual estágio político e cultural do Brasil e do mundo?

Lamento, profundamente, que a censura às artes, em geral, e ao livro, em particular, estejam tão entranhados na nossa cultura. O recrudescimento da extrema-direita, do pensamento conservador e da política liberal econômica, aliado ao poderio e ao capital das grandes empresas tecnológicas, só tendem a piorar o cenário cultural no mundo. A ascensão de Trump/Musk ao poder, nos EUA, de Milei, na Argentina, o crescimento de partidos extremistas nazifascistas,

na Alemanha, na França e na Itália, da direita bolsonarista no Brasil, tudo nos leva a temer o futuro para as artes, a cultura e a liberdade. Parece que regressamos aos anos 30, quando se gerava o ovo da serpente nazifascista, que destruiu grande parte do mundo. Quando ela eclodir, pode ser que não sobre mais nada. Não estou otimista quanto ao futuro que nos aguarda.

Referências:

- CEI, Vitor (Org.). *Notícia da atual literatura brasileira III: entrevistas*. Vitória: Cousa, 2025.
- CEI, Vitor; PELINSER, André; MALLOY, Letícia. (Org.). *Notícia da atual literatura brasileira II: entrevistas*. Vitória: Cousa, 2021.
- CEI, Vitor; PELINSER, André; MALLOY, Letícia; DELMASCHIO, Andréia. (Org.). *Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas*. Vitória: Cousa, 2020.
- COSTA, Fabiani Rodrigues Taylor. O narrador em *O menino e os ciganos*. In: TRAGINO, Arnon et al. (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas 7: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Campinas: Pontes, 2018. p. 111-123.
- DRUMOND, Jô. Francisco Aurelio Ribeiro: conjunto da obra. In: AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira de; NEVES, Reinaldo Santos: SALGUEIRO, Wilberth (Org.). *Bravos companheiros 4: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Vitória: Edufes, 2011. p. 100-108.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *A literatura infantojuvenil de Clarice Lispector*. 2. ed. São Paulo: Calêndula, 2025.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Clarissa e o beija-flor e outras histórias*. Serra: Formar, 2017.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Clarissa e o beija-flor*. Ilustrações de Thiago Setubal. Serra: Formar, 2022.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Diferença e alteridade na literatura do Espírito Santo*. São Paulo: Calêndula, 2024.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Dona Mariquinha*. Serra: Formar, 2023.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. Entrevista a Francisco Grijó. *Vitrine Literária*, Vitória, 2023. Disponível em: <https://youtu.be/ssN3Cq_e5dU?si=_WSDDGDCFormal_g>. Acesso em: 22 fev. 2025.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Era uma vez uma chave*. Ilustrações de Paulo Roberto Sodré. Belo Horizonte: Miguilim, 1984.

- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Histórias capixabas*. Serra: Formar, 2019.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Histórias do Cantinho do Céu*. Serra: Formar, 2021.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Intelectual orgânico: Ciro Vieira da Cunha — vida e obra*. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras; Prefeitura Municipal de Vitória, 2023.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Mistérios de lá e de cá*. Ilustrações de Mirella Spinelli. Belo Horizonte: RHJ, 1992.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. O Espírito Santo não respeita seus escritores. *A Gazeta*, Vitória, 4 jul. 2022. Disponível em: <<https://www.agazeta.com.br/columnas/francisco-aurelio-ribeiro/o-espirito-santo-nao-respeita-seus-escritores-0722>>. Acesso em: 20 fev. 2025.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *O gato xadrez*. Ilustrações de Attílio Colnago. Belo Horizonte: Miguilim, 1985.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *O Pestalozzi capixaba: Amâncio Pereira — vida e obra*. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras; Prefeitura Municipal de Vitória, 2020.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Olhar estrangeiro ou praga de cigano*. Vitória: Cousa, 2023.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Pelas mãos dos avós*. Serra: Formar, 2018.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Pioneiro das letras capixabas: Saul de Navarro — vida e obra*. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras; Prefeitura Municipal de Vitória, 2021.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Pretinha*. Vitória: Zínia, 2024.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Prisioneira da liberdade: Jeanne Bilich — vida e obra*. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras; Prefeitura Municipal de Vitória, 2022.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Viajando pelo mundo em fotos e crônicas*. Serra: Formar, 2013.